

# A Rota Turística do Alto do Moura: observação da qualidade urbana

Samaryna Estevam de Barros  
Lourival Costa Filho  
Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa

Rotas turísticas são percursos curtos que conectam pontos turísticos próximos. Inserida nesse contexto conceitual, a Rota Turística do Alto do Moura, localizada na cidade de Caruaru, no agreste pernambucano, é uma região conhecida por suas tradições culturais e artísticas, em especial pela produção de artesanato em barro e pelo turismo intensificado durante os festejos juninos. O lugar oferece restaurantes de comidas regionais, museus, lojas e ateliês que apresentam e comercializam o artesanato local.

Cabe inicialmente destacar que este capítulo expõe os resultados de um estudo, que expandiu sua abordagem para uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), da Universidade Federal de Pernambuco, com o intuito de ampliar o olhar inicial dos autores sobre a função do mobiliário urbano

da rota turística do Alto do Moura, visando avaliar sua interferência na qualidade urbana. Na pesquisa atual, busca-se avaliar a qualidade atrativa percebida na paisagem urbana da mesma rota turística antes considerada, visando incorporar a percepção de moradores, artesãos, comerciantes, agentes envolvidos na promoção do turismo e turistas. Assim, com as potencialidades e os desafios levantados e que serão aqui apresentados, estruturou-se um novo estudo para a avaliação da qualidade atrativa percebida pelos usuários frequentes da rota turística tomada para estudo.

Nessa perspectiva, o texto tem como foco a observação de diversos elementos da paisagem urbana e a ênfase aqui tratada recai sobre o mobiliário urbano da Rota Turística do Alto do Moura, uma vez que este tipo de equipamento integra o lugar e colabora com a qualidade funcional e de uso dos espaços urbanos. Além disso, por conseguinte, também se buscou identificar se atendiam as normas ergonômicas e de acessibilidade do passeio e, com isso, os prováveis efeitos que o espaço teria na experiência turística do observador em movimento.

Para isso, partiu-se da proposta de Gordon Cullen (1983) e de outros teóricos que defendem a pequena escala para a apreensão da cidade. Foram consultadas também as normas da ABNT que estabelecem as diretrizes técnicas para tornar espaços públicos acessíveis a todos, incluindo deficientes visuais, idosos e pessoas com mobilidade reduzida.

Sob esse prisma, buscou-se propor parâmetros que atendam às necessidades do contexto local, tanto para o mobiliário de uso cotidiano como para aqueles que têm função turística. Assim, o presente capítulo apresenta resultados que indicam caminhos que promovam a qualidade da experiência urbana e, de forma concomitante, a promoção da cultura turística local. Esses parâmetros visam nortear um reordenamento da rota, de modo a torná-la mais atrativa e democrática para a cidade de Caruaru.

---

## O DESIGN NA CIDADE

Atribuída ao título deste tópico está a proposta de inserir o Design na cidade, mais especificamente, se valendo deste saber como uma ferramenta ativa e criativa de observar e atribuir aos espaços qualidades relativas às necessidades cotidianas de seu público-alvo. Inserir o Design nessa discussão significa estabelecer um diálogo entre a micro e a macro escala urbana, incluindo no debate características formais, históricas e culturais da cidade.

Primordialmente, a pesquisa levou em consideração o ponto de vista de teóricos precursores da virada do pensamento urbano moderno da década de 1960, incorporando, em seu desdobramento, também teóricos contemporâneos. De acordo com Cullen (1983), a paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Esse conceito possibilita análises sequenciais e dinâmicas da paisagem, partindo do impacto de ordem emocional que os elementos urbanos provocam no usuário.

Nos estudos de Lynch (1997), são abordadas a estruturação da imagem da cidade e a maneira como as pessoas a percebem. Assim como Cullen, ele concorda que a imagem é construída de forma parcial e fragmentada, composta por vários elementos em conjunto, não isolados. A legibilidade dos aspectos visuais da cidade é vista como um elemento crucial na estruturação do espaço urbano, caracterizando-se pela clareza da paisagem. Lynch afirma que uma cidade com “imageabilidade” é bem formada, distintiva e memorável, convidando as pessoas a prestar mais atenção e participar ativamente na dinâmica da urbe. (LYNCH, 1997, p. 10).

As teorias da cidade ideal, concebidas por Lynch, Cullen e outros teóricos do mesmo período, não são universalmente aplicáveis a qualquer cidade do mundo. Venturi, Scott-Brown e Izenour (2003) argumentam que arquitetos precisam assumir um ponto de vista positivo e não arrogante ao olhar para o ambiente, evitando emitir julgamentos. A Arquitetura moderna preferia mudar o entorno existente em vez de realçar o que já existe. A pesquisa realizada pelos autores em Las Vegas rompe com as barreiras entre alta e baixa cultura,

e marca a mudança da visão arquitetônica dos espaços urbanos para a pós-modernidade, onde a mistura é bem-vinda e a complexidade é valorizada. Venturi et al. também defendem um gênero de arquitetura mais inclusiva, no qual há lugar para o fragmento, a contradição e a improvisação.

A forma como a cidade se organiza reflete-se na sua paisagem e esses reflexos são vitais para entender como ela funciona. A paisagem urbana é resultado da interação entre a configuração física e sua percepção, de forma que a modificação destes elementos leva necessariamente a outra paisagem urbana. O estudo deve ser feito com um olhar diferente para locais diferentes, e o lema “a forma segue a função” é quebrado quando as funções mudam e o ambiente passa a ter outras aplicabilidades.

Concordando com isso, Jane Jacobs (1961) defendia um modelo de cidade “orgânica”, no qual ruas e bairros são misturados, a densidade é alta e há uma variedade de usos, havendo coexistência entre os pequenos negócios, as atividades cotidianas e as grandes instituições. A autora afirma que “as cidades precisam de velhas construções tanto quanto de novas, talvez ainda mais” (JACOBS, 1961, p. 133).

Outra perspectiva que revolucionou o pensamento moderno no que diz respeito às cidades, foram as ideias filosóficas discutidas pelo grupo Internacional Situacionistas, principalmente pelo destaque dado ao usuário, seus desejos e necessidades. Debord (1967) afirma que os urbanistas não sabem projetar cidades, sendo esta crítica em vista do ideal de cidade modernista, em que os especialistas tinham a perspectiva de projetar o novo, o moderno, o macro, sem levar em consideração o pedestre. Em consonância com isso, Jacobs (1961) afirma que “os pedestres são os consumidores mais importantes das áreas urbanas” (JACOBS, 1961, p. 155).

Compartilhando dessa opinião, Gehl (2010) discorre sobre como as cidades podem ser pensadas para serem mais habitáveis, saudáveis e agradáveis para as pessoas. Ele defende que uma abordagem para o planejamento da urbe seja centrada no ser humano, e priorize o bem-estar do usuário em vez do uso exclusivo de veículos motorizados. A proposta de Gehl se embasa em princípios, como a escala humana, a acessibilidade, a segurança e a diversidade.

Diante do raciocínio exposto, é importante destacar a relevância dos elementos urbanos enquanto determinantes para a vida na cidade. Mourthé (1998) ressalta que, ao se analisar um mobiliário de forma isolada, é possível que ele pareça adequado em diversos aspectos; porém, uma vez inserido no contexto urbano, sua localização física no espaço é fundamental para a integração com o ambiente.

Levando em consideração o fator principal (humano), Jacobs discorre que “os edifícios, as ruas e os equipamentos urbanos são importantes principalmente como geradores e suportes de atividades” (JACOBS, 1961, p. 27). E acrescentando a esse ponto de vista, Gehl afirma que “os espaços públicos bem-sucedidos não apenas oferecem uma variedade de atividades, mas também proporcionam oportunidades para a interação social, o que ajuda a criar comunidades mais fortes e coesas” (GEHL, 2010, p. 74). O mobiliário urbano não é somente funcional, mas também possui uma função estética e simbólica que constitui a maneira como ele transmite e representa a identidade do ambiente em que está situado, além de criar situações que envolvem os pedestres (REIS; LAY, 2006; MOURTHÉ, 1998; DEBORD, 1967).

Sendo assim, abordamos o papel do Design no ambiente urbano a partir do intuito de promover qualidade, segurança, conforto e atratividade para os seus usuários. A hipótese é de que o espaço urbano deve considerar soluções que permitam a navegação simples e intuitiva para pedestres, seguindo os princípios do Desenho Universal.

---

## **A ROTA TURÍSTICA DO ALTO DO MOURA**

Localizado a aproximadamente sete quilômetros do centro da cidade de Caruaru-PE, o bairro do Alto do Moura é considerado pela UNESCO como o maior centro de arte figurativa das Américas devido à sua produção artesanal em barro. Durante o mês de junho, a região atrai visitantes com seus rituais tradicionais e festejos populares. A casa do renomado artesão Vitalino Pereira dos Santos é preservada como museu desde 1971, e lá é apresentada parte significativa da história do artesanato caruaruense. A projeção nacional de Vitalino contribuiu para tornar a atividade lucrativa, sendo atualmente a fonte de renda principal de cerca de 800 artesãos do bairro.

A arte figurativa do Alto do Moura esculpe o cotidiano do sertanejo em suas obras, retratando temas como o bumba-meu-boi, o maracatu, as bandas de pífano, os retirantes da seca, o cangaço e a vaquejada. O local também possui vários ateliês que produzem e vendem artesanato figurativo e utilitário em barro, além de diversos bares e restaurantes que servem pratos típicos da culinária pernambucana, principalmente aqueles cujo ingrediente principal é a carne de bode.

Durante as festas juninas, o bairro se transforma com a adição de elementos efêmeros, como decorações temáticas, luzes, barracas de comidas, palcos e camarotes. Todavia, os moradores do local expressam a necessidade de um reordenamento na rota turística que diminua as lacunas da sazonalidade, alegando que as pessoas associam o bairro apenas às ofertas de restaurantes durante o mês de junho. Eles lamentam não receber mais turistas interessados na tradição do barro e sugerem que a população local seja incluída na dinâmica turística, para que apresentem seus ateliês e fornos cerâmicos para os visitantes. O estudo sobre o bairro foi realizado antes da pandemia, entre fevereiro e maio de 2018, com o objetivo de propor soluções para melhorar a experiência dos turistas e dos habitantes.

Ribeiro (2016), em sua tese que tem como estudo de caso o Alto do Moura acredita que:

Os turistas, ao visitar uma determinada região, querem conhecer a realidade local, hábitos, costumes, materiais tradicionais, cheiros e sabores. Assim, englobar população local e turística num mesmo espaço favorece essa troca sociocultural. Fazemos essa alusão às trocas de informações, de impressões, de culturas. Um aspecto importante da experiência turística é a interface entre visitantes e moradores, permitindo que os visitantes se sintam acolhidos pela cidade em função, também, do acolhimento por seus habitantes. E, para que haja essa relação, a cidade deve permitir o uso dos espaços à sua população (RIBEIRO, 2016, p. 187).

Barbosa (2019) descreve que:

Geremias não acredita que apenas o turismo junino permite a vivência da produção artesanal. Ele vê nos ateliês um potencial para roteiros turísticos com maior poder aproximador entre o turista e o artesão. E a Mestra Marliete adoraria outras oportunidades de ver o bairro cheio de visitantes para contar as suas histórias com o barro ilustradas com seu acervo de fotos de família (BARBOSA, 2019, p. 151).

O Alto do Moura é um local carregado de significado histórico e cultural, além de ter fortemente enraizada em sua cultura a arte das esculturas em barro, tem monumentos que, neste trabalho, chamamos de mobiliário de cunho turístico, de suma importância para a rota. Freire (1997) afirma o seguinte sobre monumentos:

Afinal, o que são os monumentos numa cidade? Longe de se referirem a traçados urbanos abstratos, carregam-na de sentido simbólico; testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva, mas também fabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas (FREIRE, 1997, p. 55).

A noção subjetiva do mobiliário urbano se refere à forma como o usuário percebe e experimenta suas funções práticas, estéticas e simbólicas. Essa acepção considera que as pessoas e suas percepções são influenciadas por vivências e repertórios que evocam sensações e lembranças relacionadas à memória coletiva do lugar. Segundo Freire, “como o imaginário, as representações são construídas a partir das memórias, fantasias e concepções tanto individuais como grupais” (FREIRE, 1997, p. 116).

---

## **METODOLOGIA**



O Estudo de Caso foi o método de procedimento adotado, já que permite a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, a partir de uma pesquisa social empírica. Para isso, além do escopo teórico citado, recorreu-se às regulamentações para análise de conformidade da rota turística com os termos propostos pelas normas. A abordagem, realizada por meio do método dialético, analisou a realidade a partir da confrontação com a teoria.

A Visão Serial, de Gordon Cullen (1983), demonstra como a leitura de uma cidade é feita pelo observador e o modo como são evocadas as emoções através do trajeto definido. De acordo com ele, a visão serial se dá por três fatores essenciais: 1) ótica, que trata da percepção visual do espaço urbano; 2) local, referente ao conjunto de sensações sentidas no local onde estamos; e 3) conteúdo, que engloba tudo que diz respeito às estruturas e construções.

Além disso, as normas da ABNT que foram consultadas e serviram de respaldo para analisar a rota foram: a NBR 16537:2016, que se refere ao Desenho Universal e a Acessibilidade; a NBR 14022:1997, que expõe diretrizes para abrigos e paradas de ônibus acessíveis; a NBR 5101:2012, que aborda instruções a respeito da iluminação pública; e, a NBR 9050:2004 que define como deve ser uma rota acessível, ao expor orientações acerca da configuração das calçadas.

A calçada é a parte da via, segregada por pintura, nível ou elemento físico, destinada à circulação de pedestres, locação de mobiliário, vegetação e placas de sinalização. Esse segmento também pode ser denominado “passeio público”. Ela pode ser dividida em faixa de acesso, faixa de serviço, faixa livre e guia (Figura 4.1).

**Figura 4.1:** Divisão de faixas de utilização da calçada.

Fonte: Guia Prático para a Construção de Calçadas.



- » Faixa de acesso é a área que as edificações ocupam na via pública, de forma a não interferirem na faixa livre (ABNT NBR 16537:2016);
- » Faixa de serviço é a área do passeio (calçada) destinada à colocação de objetos, elementos, mobiliário urbano e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não. Deve ter largura mínima de 0,75 m (ABNT NBR 16537:2016);
- » Faixa livre é a área do passeio (calçada), via ou rota destinada exclusivamente à circulação de pedestres, desobstruída de mobiliário urbano e de quaisquer outras interferências. Deve ter largura mínima de 1,20 m, possuir superfície regular, firme, contínua e antiderrapante sob qualquer condição. Deve também ser contínua, sem qualquer emenda, reparo ou fissura (ABNT NBR 16537:2016);
- » Guia é a borda ao longo de rua, rodovia ou limite de passeio, geralmente construída com concreto ou granito, que cria barreira física entre a via, a faixa e o passeio,

propiciando ambiente mais seguro para os pedestres e facilitando a drenagem da via (ABNT NBR 16537:2016).

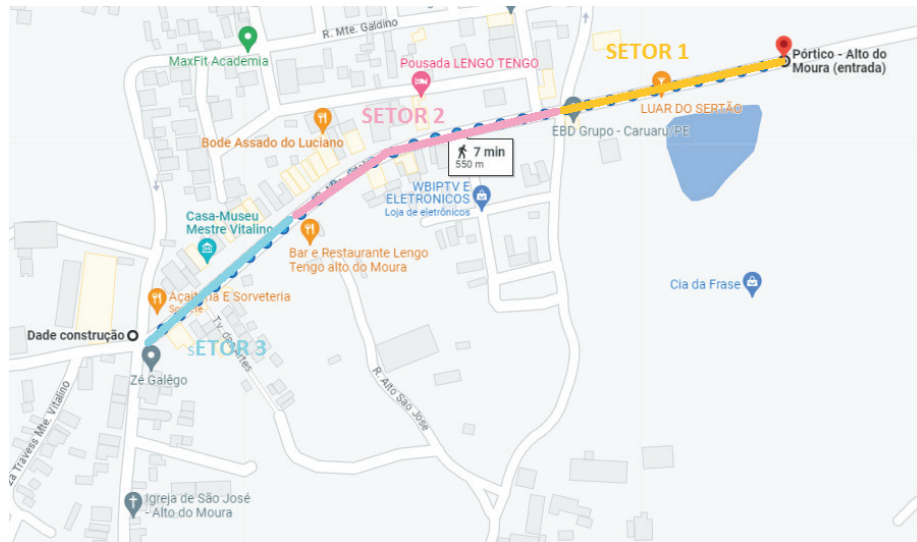
Os instrumentos normativos e as teorias levantadas sobre a paisagem urbana e o mobiliário urbano, foram aplicados na interpretação dos dados coletados no segundo momento investigativo, nos resultados da pesquisa de campo. O local foi analisado através da vivência do percurso no trajeto realizado a pé, ou seja, a paisagem urbana foi observada a partir do ponto de vista do observador em movimento. O estudo levou em consideração o olhar do especialista, como balizador para a análise da rota, avaliando as funções (estética, prática, simbólica) do mobiliário urbano da rota turística e sua interferência na paisagem, pontuando principalmente questões normativas para o espaço público. Objetivou-se identificar os elementos que influenciam e como é realizada a leitura e interpretação do espaço urbano, atentando-se a itens, como acessibilidade e ordem visual.

---

## RESULTADOS

Segmentamos a Rua Leão Dourado, principal via da rota tomada para estudo em 3 (três) setores, como mostra a Figura 4.2. O Setor 1 se inicia no Pórtico de entrada para o Alto do Moura e se estende até onde está uma ampla área, com um letreiro gigante e o Centro de Atendimento ao Turista. No Setor 2 existe o maior número de bares e restaurantes do local. Já no Setor 3 se encontram vários ateliês de artesanato, o Museu Casa do Mestre Vitalino e o Ateliê Mestre Luiz Galdino.

**Figura 4.2:** Divisão dos setores.  
Fonte: Google Maps, 2017.



A análise foi realizada logo após a conclusão do projeto “Revitalino”, que se propôs a reformar a rota. A partir das diretrizes estabelecidas pelas normas ABNT 9050:2014 e ABNT 16537:2016, foi possível identificar que existem algumas desconformidades, que desarranjam o uso do espaço. Também foram pontuadas questões acerca do mobiliário e da vegetação.

Pontos positivos da rota:

- » Ressalta-se a função do mobiliário especificamente turístico, como o letreiro gigante, o pórtico, a placa do Museu Mestre Vitalino, a escultura que representa o próprio Mestre Vitalino em tamanho real, e a escultura de um cavalo para interação e fotografias. Todos são artefatos que proporcionam a distração turística e, com isso, a interação dos usuários com o meio urbano (Figura 4.3).



**Figura 4.3:** Mobiliário urbano com função turística.



- » Outro ponto positivo é a instalação de totens informativos, que trazem destaque e importância para os ateliês dos artesãos, utilizando a cor laranja, que faz referência à “terra vermelha”. A forma vertical ocupa menos espaço da caminhada na calçada. No entanto, eles estão instalados na faixa livre destinada ao passeio e, por vezes, muito próximos à sinalização tátil no piso (Figura 4.4).



**Figura 4.4:** Totens de sinalização indicando ateliês no Alto do Moura.

**Figura 4.5:** Vegetação na Rota Turística do Alto do Moura.



Pontos a serem reconsiderados na rota:

- » Falhas na aplicação de sinalização tátil para deficientes visuais, ela existe na rota, porém aplicada de forma incorreta, permeando diversos obstáculos e edificações (Figura 4.5-A);
- » Irregularidades nas faixas que deveriam ser livres nas calçadas (Figura 4.5-B);
- » Verificou-se a presença de vegetação não planejada e desordenada nas calçadas e em terrenos que podem ser considerados abandonados, dificultando a caminhada e causando sensação de insegurança (Figura 4.5-C);



- » Mobiliário urbano (postes, lixeiras e placas) dispostos na faixa livre, interferindo na área de passeio (Figura 4.6-B e C);
- » O único ponto de ônibus da rota fica em um canteiro com plantas, sem calçamento e com piso desalinhado, o que dificulta o acesso dos usuários, além de não existir sinalização tátil, visual ou sonora indicando o local de embarque (Figura 4.6-F);
- » Sobre o mobiliário urbano em geral (lixeiras, torres de iluminação pública, abrigo de ônibus, bancos e placas de sinalização), observou-se que estes itens não constituem uma “família”, apresentando uma linguagem visual desconexa entre si e com a paisagem (Figura 4.6-A, B, C, D, E e F). A disposição deles, na maioria dos casos, afeta o uso adequado e o passeio;

**Figura 4.6:** Postes de iluminação pública, lixeiras, bancos e abrigo de ônibus.



- » Dentro do mobiliário de função especificamente turística, o Pórtico de entrada encontrava-se sem manutenção, com banners representativos apagados em decorrência do tempo de exposição à luz do sol (Figura 4.7-A e B).
- » Para além disso, o letreiro com o nome de Alto do Moura não possui destaque de figura e fundo na paisagem (Figura 4.7-C).

**Figura 4.7:** Pórtico de entrada e Letreiro Gigante.

**Figura 4.8:** Faixa de travessia e rampas de acesso à via.



- » Há apenas uma faixa de travessia de pedestre na rua Leão Dourado (Figura 4.8-A);
- » As rampas de acesso para deficientes físicos estão presentes em toda a rota, porém na maior parte não estão posicionadas de forma paralela em ambos os lados da via, impossibilitando a travessia segura de pessoas com mobilidade reduzida (Figura 4.8-B);





## DISCUSSÕES

Verificamos que a Rota não atende aos padrões mencionados e, portanto, não apresenta conformações que promovam seu passeio. Propomos a expansão das áreas da calçada, com faixas bem definidas para acesso, serviço e passagem livre, visando tornar o caminho mais agradável, seguro e acessível. Deve-se levar em conta o pavimento e a sinalização tátil adequada, quando necessário (Figura 4.8).

**Figura 4.9:** Calçadas no Alto do Moura.



O pórtico de entrada necessita de manutenção e deve ser integrado ao mobiliário para melhor transmitir aspectos da cultura local. Ele tem a função de demarcar a entrada do Alto do Moura, portanto é um ponto focal que chama a atenção do visitante. Trata-se de um elemento histórico e referencial do local.

Foi observado que a rota turística estudada oferece o que Barbosa (2019) chama de turismo de patrimônio cultural, que significa não só uma viagem para experimentar os lugares e artefatos, mas também experimentar as atividades que representam histórias e pessoas do passado e do presente. Por conta disso, as funções do lugar devem oferecer acessos para caminhar, parar, ouvir, ver e se sentar, promovendo a sensação de pertencimento e apreensão da cultura. As faixas livres devem ser acessíveis, os museus, ateliês e restaurantes devem estar integrados ao espaço urbano, com estruturas que permitam descanso e contemplação.

Acima de tudo, é essencial ouvir as demandas e desejos dos usuários, incluindo turistas, moradores e artesãos. Barbosa (2019), que realizou uma observação participante no Alto do Moura, sobre o turismo, aponta as falas dos artesãos preocupados com o turismo fora do período junino. Segundo a autora, os artesãos não acreditam que apenas o turismo junino permita a vivência da produção artesanal. Eles veem “nos ateliês um potencial para roteiros turísticos com maior poder aproximador entre o turista e o artesão” (BARBOSA, 2019, p. 151).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo tencionou contribuir para futuras propostas de reordenamento no local. Para tal, a observação do espaço analisado preliminarmente sugere que a rota turística carece de intervenções para proporcionar maior qualidade urbana. Cabe, contudo, evidenciar os pontos importantes que possam atrair o turista e que haja uma integração entre todos os sistemas da rota para garantir a acessibilidade.

Mesmo a via tendo sido reparada pouco tempo antes da realização deste estudo ser realizado, verificou-se que as normas técnicas estudadas não foram aplicadas corretamente. A faixa livre, destinada

à circulação exclusiva de pedestres, por exemplo, é obstruída por mobiliários urbanos, vegetações e outras interferências, além de ter largura inferior à mínima estabelecida e sem uma superfície regular, apresentando reparos e rampas em desacordo com a ABNT NBR 16537:2016.

Finalmente, cumpre destacar que a Rota do Alto do Moura continua sendo investigada pelos autores em um estudo mais abrangente, em desenvolvimento no PPGDesign-UFPE, agora com foco na percepção dos usuários para a avaliação da atratividade percebida na paisagem.

---

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, recebido em forma de Bolsa de Mestrado.

---

## REFERÊNCIAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9283:1986 – Mobiliário Urbano* – Classificação. Rio de Janeiro, 1986.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050:2004. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. 2004. Disponível em: [http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_24.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf). Acesso em: 29 jun. 2018.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 16537:2016. Acessibilidade — Sinalização tátil no piso — Diretrizes para elaboração de projetos e instalação* — Requisitos. 2016. Disponível em: [http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_176.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_176.pdf). Acesso em: 29 jun. 2018.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14022:2009. Transporte – Acessibilidade à pessoa portadora de deficiência em ônibus e trólebus, para atendimento urbano e intermunicipal* — Requisitos. 2009. Disponível em: [http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_25.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_25.pdf). Acesso em: 29 jun. 2018.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 5101:2012. Iluminação pública – Procedimento — Requisitos*. 2012. Disponível em: [http://paginapessoal.utfpr.edu.br/vilmair/engenharia-deiluminacao/NBR5101%20-%20Arquivo%20para%20impressao.pdf/at\\_download/file](http://paginapessoal.utfpr.edu.br/vilmair/engenharia-deiluminacao/NBR5101%20-%20Arquivo%20para%20impressao.pdf/at_download/file). Último acesso em: 29 jun. 2018.

- BARBOSA, A. C. de M. A. **IMAGEM, PAISAGEM E SITUAÇÃO: Análise Visual da Orla da praia de Boa Viagem**. 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- BARBOSA, A. C. de M. A. **Cada lugar na sua coisa**. Um estudo sobre os suvenires do Alto do Moura através da dimensão semiótica do design e da cultura turística. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design – UFPE, Recife, 2019.
- BRASIL. *Decreto n. 10.098, de 19 de dez. de 2000*. **Regulamento para promoção de acessibilidade**, Brasília-DF, dezembro 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm). Acesso em: 03 jul. 2018.
- CENTRO DE ATENDIMENTO AO TURISTA É INAUGURADO EM CARUARU**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/centro-de-atendimento-ao-turista-e-inaugurado-em-caruaru.ghhtml>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa. Edições 70, 1983.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Paris: Buchet-Chastel, 1967.
- FREIRE, C. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.
- GEHL, J. **Cities for people**. Washington D.C.: Island Press, 2010.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- MOURTHÉ, C. R. **Mobiliário Urbano em diferentes Cidades Brasileiras**, um estudo comparativo. Dissertação Mestrado – FAU/USP, São Paulo, 1998.
- REIS, A. T. da L.; LAY, M. C. D. **Avaliação da Qualidade de Projetos: Uma Abordagem Perceptiva e Cognitiva**. Artigo (Pós-Graduação

em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

RIBEIRO, G. S. **“Sou um boneco de Mestre Vitalino”: a cadeia artesanal pernambucana e a mercantilização da cultura.** Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Urbanismo – UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

UNESCO. (s.d.). **Pernambuco's Cultural Space.** Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/pernambuco-cultural-space>. Acesso em: 12 mar. 2023.

VENTURI, R.; SCOTT-BROWN, D.; IZENOUR, S. **Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.